

DUAS DE LETRA
GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA
FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Fevereiro 2020

GUIA DE LEITURA

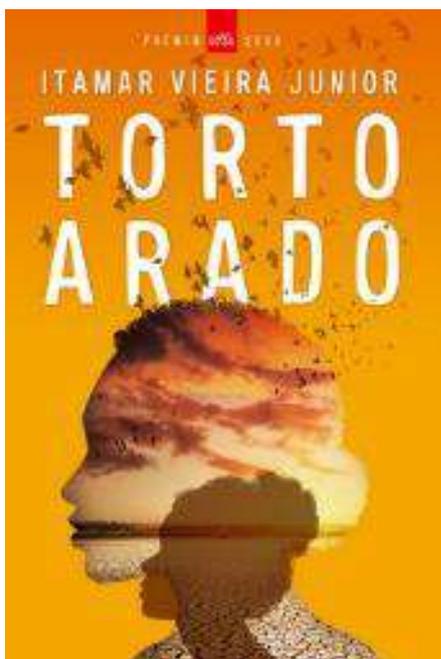
Torto Arado – Itamar Vieira Junior



ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Biografia: Itamar Vieira Junior é um escritor brasileiro. Formou-se em Geografia na Universidade Federal da Bahia, onde também concluiu mestrado. É doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia com estudo sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro.

Nasceu em Salvador, em 1979. Na adolescência, residiu no estado de Pernambuco, e mais tarde na cidade de São Luís. Em 2012, publicou o livro de contos “Dias”. Em 2017, publicou o livro de contos “A oração do carrasco”, finalista na mesma categoria do 60º Prêmio Jabuti (2018). Em 17 de outubro de 2018, o Prêmio LeYa foi atribuído ao romance “Torto Arado”, de sua autoria.



Sinopse de *Torto Arado*:

Bibiana e Belonísia são filhas de trabalhadores de uma fazenda no Sertão da Bahia, descendentes de escravos para quem a abolição nunca passou de uma data marcada no calendário. Intrigadas com uma mala misteriosa sob a cama da avó, pagam o atrevimento de lhe pôr a mão com um acidente que mudará para sempre as suas vidas, tornando-as tão dependentes que uma será até a voz da outra. Porém, com o avançar dos anos, a proximidade vai desfazer-se com a perspectiva que cada uma tem sobre o que as rodeia: enquanto Belonísia parece satisfeita com o trabalho na fazenda e os encantos do pai, Zeca Chapéu Grande, entre velas, incensos e ladainhas, Bibiana percebe desde cedo a injustiça da servidão que há três décadas é imposta à família e decide lutar pelo direito à terra e a emancipação dos trabalhadores. Para isso, porém, é obrigada a partir, separando-se da irmã. Numa trama tecida de segredos

antigos que têm quase sempre mulheres por protagonistas, e à sombra de desigualdades que se estendem até hoje no Brasil, *Torto Arado* é um romance polifônico belo e comovente que conta uma história de vida e morte, combate e redenção, de personagens que atravessaram o tempo sem nunca conseguirem sair do anonimato.

A POÉTICA DO SERTÃO PELO BEM-SUCEDIDO 'TORTO ARADO'

Com romance, o baiano Itamar Vieira Junior ganha um dos principais concursos literários da língua portuguesa e conquista a crítica lusitana

Ruan de Sousa Gabriel 22/08/2019 Atualizado em 13/09/2019



Crianças trabalham na indústria de sisal no interior da Bahia, em registro feito em 1987. Foto: Salomon Cytrynowicz / Pulsar Imagens

No dia 17 de outubro de 2018, uma quarta-feira, o escritor e geógrafo baiano Itamar Vieira Junior seguia para o hospital soteropolitano onde seu pai estava internado havia 15 dias para tratar-se de uma insuficiência renal quando foi surpreendido por um telefonema. Eram 7h30 da manhã. Do outro lado da linha, um vozeirão com sotaque lusitano se apresentou — “Quem vos fala é Manuel Alegre” — e anunciou que Vieira Junior vencera o Prêmio LeYa com *Torto arado*, um romance que ele quase não se lembrava mais de ter inscrito no concurso. O Prêmio LeYa de Romance é entregue desde 2008 a autores lusófonos que concorrem anonimamente a € 100 mil e um contrato de publicação com o Grupo Editorial LeYa. Vieira Junior é o segundo brasileiro a arrebatar o prêmio. O mineiro Murilo Carvalho venceu a primeira edição do concurso literário com o romance *O rastro do jaguar*. O manuscrito vitorioso é escolhido por um júri composto de sete figuras destacadas do mercado editorial lusófono. No ano passado, estavam entre os jurados o editor brasileiro Paulo Werneck, a poeta angolana Ana Paula Tavares e o escritor português Manuel Alegre, vencedor do Prêmio Camões e presidente do júri.

Depois de se despedir de Vieira Junior, Alegre informou a vitória do escritor brasileiro à imprensa portuguesa com elogios generosos a *Torto arado*. O escritor destacou “a solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda

o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, em sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal”. Logo após o anúncio em Portugal, o telefone de Vieira Junior voltou a tocar insistentemente no hospital em Salvador. Eram jornais e emissoras de rádio e TV portuguesas atrás de algumas palavras do vencedor do Prêmio LeYa e um ou outro comentário sobre as eleições brasileiras — estávamos a pouco mais de uma semana do segundo turno que elegeu Jair Bolsonaro.

Vieira Junior passou toda aquela quarta-feira se dividindo entre o telefone e os cuidados com seu pai, que se alegrou muito com o prêmio. O pai estava doente desde o início de 2018, com sucessivas internações. Vieira Junior aproveitou uma de suas altas hospitalares, em março do ano passado, para retocar o manuscrito de *Torto arado*, que remeteu a Portugal em abril, poucos dias antes do prazo estipulado pelo prêmio. Não se lembrou do concurso nos meses seguintes. “Esqueci completamente”, contou, por telefone, a ÉPOCA. “Não tinha muita esperança de ganhar, porque *Torto arado* é uma história muito brasileira, do interior do Nordeste.” Alguns dias antes, Vieira Junior soubera que seu livro de contos, *A oração do carrasco*, concorria ao Jabuti, o mais prestigioso prêmio das letras brasileiras.



Geógrafo, Vieira Junior se divide entre a rotina burocrática do Incra e trabalhos de campo no interior do Nordeste, onde conheceu de perto a vida de trabalhadores rurais que vivem em condições análogas à escravidão. Foto: Divulgação

Torto arado, cuja edição brasileira acaba de sair pela Todavia, narra a vida dos trabalhadores rurais de Água Negra, uma fazenda na região da Chapada Diamantina, interior da Bahia. Os trabalhadores de Água Negra não recebiam salário para arar a terra, apenas morada, ou melhor, o direito de construir casebres de paredes de barro e telhado de junco (construções de alvenaria eram proibidas) e cultivar roças no quintal quando não estivessem plantando e colhendo cana-de-açúcar e arroz nas terras do patrão. Só ganhavam algum dinheiro quando vendiam

na feira a abóbora, o feijão e a batata que cultivavam no quintal ou quando conseguiam a aposentadoria rural. Eram quase todos negros, descendentes dos escravizados libertos havia poucas décadas.

A primeira parte de *Torto arado* é narrada por Bibiana; a segunda, por sua irmã, Belonísia. As duas são filhas de Zeca Chapéu Grande, um dos trabalhadores de Água Negra e líder do jarê, religião afro-brasileira praticada na região da Chapada Diamantina, influenciada pela umbanda, pelo espiritismo e pelo catolicismo. Além de comandar as “brincadeiras de jarê” e curar corpos doentes e espíritos perturbados, Zeca Chapéu Grande fazia as vezes de líder político, de pelego, a apaziguar os conflitos entre trabalhadores que achavam que a terra era de quem nela trabalhava. A terceira e última parte do romance é narrada por uma entidade do jarê.

A prosa de *Torto arado* é melodiosa, esculpida com rigor, mas não é afetada, como se um narrador urbano quisesse imitar a fala de camponeses baianos. A linguagem, aliás, está no centro do romance. No primeiro capítulo, Bibiana e Belonísia, ainda meninas, brincam com uma faca que a avó mantinha escondida, e uma delas acaba decepando a própria língua. A garota fica muda e a outra se torna sua voz, interpretando seus grunhidos e gestos. O leitor só descobre qual das irmãs perdeu a língua depois de ler um terço do romance. Vieira Junior brinca com esse suspense: descreve os gestos das personagens, mas não suas palavras.



O romance de Vieira Junior ganhou no ano passado o Prêmio LeYa, que dá € 100 mil ao vencedor e um contrato de publicação com o grupo editorial português. O livro teve uma tiragem inicial de 8 mil exemplares em Portugal e 3 mil no Brasil. Foto: Divulgação / Todavia

Vieira Junior começou a esboçar *Torto arado* há mais de duas décadas, quando tinha 16 anos, inspirado pela leitura dos romances regionalistas dos anos 30 e 40, nos quais autores como Rachel de Queiroz e José Lins do Rêgo retrataram a pobreza sertaneja. “Essa história das duas irmãs que têm uma relação conflituosa

uma com a outra, com o pai e com a terra me veio naturalmente. Mas as personagens tinham outros nomes e não tinha essa história da língua”, recordou. Ele datilografou o romance numa Olivetti Lettera 82 que ganhara de presente do pai, mas perdeu o manuscrito, umas 80 páginas, numa mudança. Deixou a literatura um pouco de lado — os pais o alertaram de que era difícil se sustentar da escrita — e se formou em geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Deu aulas e, há 13 anos, ingressou no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), onde é analista agrário e se divide entre a rotina burocrática da repartição pública e trabalhos de campo no interior do Nordeste. “Quando cheguei ao campo, encontrei a realidade que conheci em romances como *O quinze* e *Menino de engenho*”, disse. “Conheci famílias inteiras de trabalhadores que vivem em um sistema semelhante à escravidão, que não recebem dinheiro pelo dia de trabalho e só têm direito à morada. É um Brasil anacrônico, que parou no tempo. Eu quis dividir esse meu espanto, esse choque.”

A vivência de Vieira Junior no campo rendeu uma tese de doutorado em estudos étnicos e africanos defendida na UFBA em 2017. Mas ele logo percebeu que a vida daqueles trabalhadores rurais merecia a literatura. Resolveu escrever sobre essa população, os pobres, quase sempre negros, que pouco aparecem na literatura brasileira recente, principalmente naquela produzida entre Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. “Venho de uma família simples. Meu pai era descendente de indígenas do Recôncavo Baiano. Minha mãe, de camponeses pobres e migrantes. Boa parte de minha família tem ascendência negra. Toda essa história é muito cara para mim, e eu sentia falta dela na literatura”, disse. Num trecho de *Torto arado*, Belonísia justifica sua falta de interesse pela escola porque a professora, Dona Lourdes, “não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos”, “em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz”. Para Vieira Junior, a recente literatura brasileira às vezes se parece com as lições de Dona Lourdes. “Há coisas incríveis na literatura brasileira contemporânea, mas, em minha opinião, também há um excesso de autoficção, de romances girando em torno do umbigo e dos problemas do escritor branco de classe média. Isso cansa. Mas também há autores, menos divulgados, contando histórias que contemplam toda a nossa diversidade, os muitos ‘Brasis’”, afirmou.

Em *Torto arado*, Vieira Junior tomou emprestadas não apenas as experiências, mas também a linguagem dos trabalhadores rurais que conheceu. “Fiquei fascinado pela cadência, pela musicalidade dos falares do sertão, pela linguagem elaborada, rítmica e poética com que esses camponeses contavam suas histórias. Literatura também é oralidade. Percebi aí uma possibilidade estética e quis trazer para o romance essa linguagem que me envolveu”, contou. “Havia camponeses que não sabiam ler, mas também alguns que não só sabiam, como andavam com um livro debaixo do braço para ler, à sombra, na hora do descanso.” O título do romance, no entanto, não veio da boca de um trabalhador rural, mas de um verso de *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), um dos poetas revoltosos da Inconfidência Mineira: *A devorante mão da negra morte/(...)lhe arranca os frios ossos/ferro do torto arado*. “Chamou minha atenção essa imagem de um arado torto velho, como se fosse um símbolo de uma realidade imutável, de um campo onde o arado ainda é instrumento de trabalho, apesar da mecanização brutal”, explicou. *Torto arado* já era o título daquele manuscrito datilografado que se perdeu. “Se eu pudesse resumir em uma sentença a razão de existir do livro, diria que é uma declaração de amor à terra. A mesma declaração de amor que me

foi transmitida oralmente pelos muitos camponeses que encontrei em meu caminho.”



Retrato de trabalhadora rural da Bahia. Na comunidade retratada por Vieira Junior em “*Torto arado*”, eles não recebem salários para arar a terra. Foto: Karla Braga / Opção Brasil Imagens

Publicado em Portugal no começo do ano, *Torto arado* foi bem recebido pela imprensa local. Vieira Junior viajou para o país, onde deu inúmeras entrevistas e participou de eventos literários em todo o país e até na Ilha da Madeira. O romance teve tiragem de 8 mil exemplares em terras lusitanas. A tiragem inicial da edição brasileira é de 3 mil exemplares. Não é pouco, é exatamente a média de um autor brasileiro. “A boa acolhida do livro em Portugal foi uma surpresa”, disse Vieira Junior. “Não pensava que um livro narrado por camponesas de uma região tão remota do país, que é a Chapada Diamantina, sobre questões tão brasileiras, tivesse essa alma universal para atravessar o oceano e conquistar leitores portugueses.”

A poeta Maria do Rosário Pedreira, que editou a edição portuguesa de *Torto arado*, disse a *ÉPOCA* que o romance de Vieira Junior caiu no gosto do leitor luso porque, embora “bem brasileiro, é um livro bem universal”. “As questões que *Torto arado* levanta, como a injustiça, a desigualdade e a escravidão, não são exclusivas do Brasil, são de todos os tempos e lugares. Em Portugal, por exemplo, a situação dos trabalhadores rurais dos latifúndios do Alentejo durante a ditadura salazarista é perfeitamente equiparável à vivida por Bibiana e Belonísia”, afirmou. “A vinda do autor e sua personalidade profunda e ao mesmo tempo muito amistosa também contribuíram para o êxito do livro em Portugal.” Pedreira também destacou o “estilo ora poético, ora cru” de *Torto arado* e o compromisso político de Vieira Junior, expresso em várias declarações à imprensa portuguesa e também no enredo de seu romance premiado. “Itamar Vieira Junior vai chegar longe, até porque, apesar da extrema delicadeza com que sempre fala e se apresenta, ele vem

mostrando em debates e entrevistas que não tem medo de dizer a verdade e pôr o dedo na ferida, denunciando o que vai mal e exigindo correção das injustiças.”



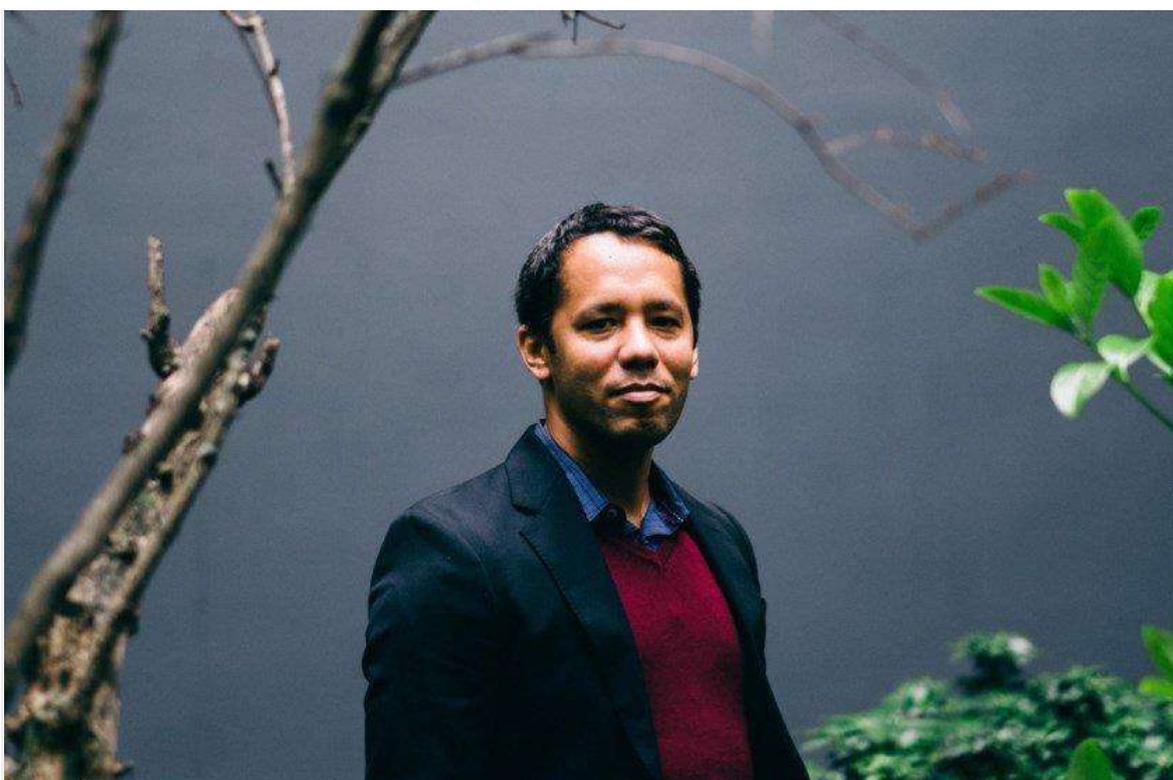
Retrato de trabalhador rural da Bahia. Na comunidade retratada por Vieira Junior em “Torto arado”, o único direito que eles recebem é o de cultivar roças no quintal quando não estão trabalhando nos campos do patrão. Foto: Leo Martins / Agência O Globo

Vieira Junior costuma dizer que escreve sobre o que o incomoda. “Tenho uma fé imensa na literatura, porque ela permite uma mudança de papéis. Quando você abre um livro, estabelece um contrato com o autor e os personagens. Durante o tempo daquela leitura, você vai viver um pouco daquelas vidas, o que pode provocar repulsa ou empatia”, explicou. “Escrevo sobre os meus incômodos porque talvez esses incômodos incomodem outras pessoas, para que, nesse jogo de escrita e leitura, nós pensemos um mundo novo, mais humano e capaz de contemplar toda a nossa diversidade.” Vieira Junior perdeu o pai 15 dias depois de vencer o Prêmio LeYa. “Mas ele ainda pôde gozar comigo um pouco daquela alegria.”

Itamar Vieira Junior: “O Brasil nunca perdeu o *status* colonial”

Para o vencedor do Prémio Leya 2018, o mundo rural brasileiro mantém-se num estado quase feudal. O romance em que o descreve, *Torto Arado*, é lançado em Lisboa.

José Riço Direitinho 25 de Fevereiro de 2019, 7:38



Itamar Vieira Junior está em Lisboa para lançar *Torto Arado* MIGUEL MANSO

Em Outubro, o brasileiro Itamar Vieira Junior (Salvador da Bahia, 1979) tornou-se o mais recente vencedor do Prémio Leya, com o romance *Torto Arado*, que acaba de ser publicado e será lançado esta tarde na Livraria Buchholz, em Lisboa. Ambientado no sertão nordestino, e abarcando as últimas quatro décadas, insere-se na tradição do “romance rural” brasileiro, e é devedor, por exemplo, de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, entre outros. O escritor brasileiro Paulo Werneck, que foi membro do júri do prémio, considerou-o um “romance político”. Mas, em conversa com o PÚBLICO, Itamar Vieira Junior prefere não rotular o seu livro, embora reconheça que há nele uma dimensão política, como em tudo o que diz

respeito à experiência humana: “O que nos move é aquilo que nos incomoda. Para mim é quase indissociável fazer arte, no meu caso literatura, sem ser provocado por alguma coisa. Esse é o sentido da arte, aquilo que nos toca, a experiência humana. E vejo a política como uma dimensão da vida humana. O facto de hoje se compartimentar o que é política e o que não é política abre um vazio e a possibilidade de ele ser preenchido, por exemplo pela extrema direita. Não vejo a vida dissociada da política.”

Em *Torto Arado* conta-se, a três vozes, a história de uma família que vive num quilombo (comunidades auto-organizadas de escravos libertados) no sertão da Bahia, uma região semi-árida. O leitor acompanha as vidas de Bibiana e de Belonísia, filhas de trabalhadores rurais, e com elas também a evolução da sua família – o pai era um curandeiro e líder espiritual – e dos movimentos de insubordinação pela posse da terra. Ao longo do romance, vai-se esboçando um quadro de injustiça e de imposição de servidão aos trabalhadores rurais. O modo de vida vai evoluindo: é construída uma escola depois de muito esforço, há um hospital a que se tem acesso apenas em casos gravíssimos, como o que ocorre no início da narrativa. Mas aquilo que vai sobressaindo é a imobilidade das estruturas sociais e fundiárias, a servidão que é disfarçada com um sentimento de gratidão dos explorados por poderem trabalhar naquela propriedade e serem pagos quase sempre em géneros, a desconfiança com que são olhados aqueles que tentam mudar as coisas.

Parece, mas não é, uma coisa de ontem: “Os grandes proprietários continuam ditando como é que se vive nesses lugares, continuam explorando os trabalhadores, continuam matando opositores”, afirma Itamar Vieira Junior. “O que é uma coisa impensável no século XXI. A trama deste romance termina nos dias de hoje, e eu gostaria de dizer: isto não existe mais no Brasil, está datado. Mas não, isto é a realidade. No ano de 2017, 70 trabalhadores rurais que de alguma forma lideravam [grupos] pedindo mudanças foram assassinados. E esses actos continuam sem ser esclarecidos. É claro que existe uma vontade muito forte de manter este estado de imobilidade. Existem também inúmeros conflitos de fazendeiros, madeireiros, com as populações indígenas que vivem em reservas, que vêm a sua terra invadida, que são expulsas por força do capital, por força do agro-

negócio, da expansão agrícola. Esses problemas não são enfrentados efectivamente pelo Estado brasileiro.”

Comunidades quilombolas como aquela onde decorre a acção do romance – o autor, que é geógrafo de formação, doutorou-se em Estudos Étnicos e Africanos com um trabalho sobre uma destas comunidades – são um bom exemplo de como muito pouca coisa mudou no Brasil na relação do Homem com a terra, sobretudo no âmbito do direito à posse. O Brasil que escravizava a população negra arranhou forma, depois da lei da abolição da escravatura, de garantir que tudo ficaria quase na mesma. Vieira Junior explica: “Como esses escravos não tiveram nenhuma política que lhes desse acesso à terra, permaneceram trabalhando para o latifundiário [os antigos donos de escravos], e também os seus descendentes, até hoje. A mesma coisa acontece com os indígenas.”

Amparado por uma estrutura fundiária que se mantém desde há pelo menos dois séculos, e que permite a manutenção dos tiques coloniais da pirâmide social – o proprietário (colono) branco e o trabalhador negro ou caboclo –, o Brasil, ou quem detém o poder no Brasil, procura que nada disto se altere, infere-se da leitura de *Torto Arado*. “O Brasil não perdeu esse *status* colonial, as estruturas sociais e fundiárias mantêm-se. Quando a abolição da escravatura permitiu a liberdade da população escravizada, não houve direitos para compensar essas pessoas, elas continuaram sendo exploradas. Continuamos sem uma reforma agrária eficiente, efectiva, que mude de vez a relação do Homem com a terra e a estrutura fundiária do país”, defende o escritor.

A vergonha da escrita

Itamar Vieira Junior diz-se oriundo de uma “família muito simples” para a qual a leitura não era uma rotina. Filho de um pai operário e de uma mãe doméstica, não tinha em casa livros para além da *Enciclopédia do Estudante*. Foi nas bibliotecas das escolas que frequentou que começou a ler obras literárias. Nunca foi estimulado pelos pais a escrever, mas redigiu as suas primeiras coisas ainda muito novo. “No princípio escrevia peças de teatro para interpretar com os colegas na hora do recreio. A minha mãe uma vez encontrou-as, achou-as demasiado adultas, talvez sexualizadas, e repreendeu-me. E eu passei a ter vergonha de mostrar o que escrevia. Mas isso nunca me deixou parar.”



Itamar Vieira Junior: "Quero a arte como um manifesto que nos humanize, acima de tudo"

Muito impressionado com os romances regionalistas brasileiros, começou a escrever esta história com que venceu o Prémio Leya 2018 – uma outra versão dela – aos 16 anos. Depois, numa mudança, acabou por perder as 80 páginas já escritas. Mas não perdeu o título nem a ideia da história das duas irmãs, uma das quais fica sem a língua por acidente, ao tentar desvendar um segredo antigo da avó. O tempo passou, e um dia recomeçou a escrita desse romance: foram dois anos de trabalho, algumas horas todos os dias, até que o acaso – sob a forma de notificações do Google para concursos literários – o informou de um concurso em Portugal.

Mais do que de influências, Itamar Vieira Junior prefere falar de leituras que se repercutem na forma e nos temas daquilo que escreve, e essas leituras são as esperadas para quem já leu o livro: Raduan Nassar, Guimarães Rosa, Jorge Amado, e João Cabral de Melo Neto. Destes, parece falar com mais entusiasmo de Jorge Amado: reconhece que a primeira parte da obra do autor baiano “é um pouco panfletária”, mas argumenta que a obra da maturidade, que talvez se inicie em 1958 com a publicação de *Gabriela, Cravo e Canela*, ganha uma dimensão universal, e elogia-lhe ainda o “questionamento social forte”.

Nascido na cidade onde Jorge Amado viveu e morreu, Salvador da Bahia, a relação do vencedor do Prémio Leya com o campo era quase nula. A primeira relação com o mundo rural, conta, teve-a através da literatura e do fascínio que depressa sentiu. Foi só mais tarde que esse conhecimento se tornou efectivo. “Quando me formei como geógrafo, comecei a ter oportunidades de trabalhar com populações rurais, e há 12 anos que estou nesta vida de viajar, conhecer trabalhadores rurais, propriedades. Comecei a conhecer um universo muito diferente do meu, e ao mesmo tempo a notar que muito pouca coisa mudou. Comparados com [o que

relatam] aquelas obras escritas nas décadas de 1930, 40, 50, os nossos problemas sociais parecem ser os mesmos. Pega-se num romance como *Grande Sertão: Veredas* [a obra-prima de Guimarães Rosa] e percebe-se logo que o Brasil não superou aquelas questões, aqueles conflitos. Quase que poderia ter sido escrito hoje.”



Itamar Vieira Junior assume por referências os escritores Raduan Nassar, Jorge Amado, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto MIGUEL MANSO

Mas foi durante o trabalho para a tese de doutoramento que contactou e conheceu uma comunidade quilombola como a que descreve no livro, e ouviu as suas histórias. “Essas histórias de alguma forma me atravessam, e ajudaram de facto a compor a densidade psicológica destas personagens, embora não tenha existido uma Bibiana ou uma Belonísia. Não existe ninguém que perdeu a língua, que ficou sem voz. Mas o universo do livro vem daí.”

Religião e violência

A última das vozes que narra *Torto Arado* é de um espírito, um “encantado” – uma figura do Jarê. Quisemos saber que religião era esta, e como existe. “É uma mistura de catolicismo rural com religiões de matrizes africanas e religiões indígenas. É falado em português, ao contrário do candomblé, que é falado em línguas africanas

como ioruba ou o banto. É voltado para a cura espiritual, porque no Jarê se entende que qualquer enfermidade do corpo é o reflexo de um espírito desestabilizado. Ainda se encontram casas de Jarê na Chapada Diamantina.”

Não é por acaso que a última narradora é um espírito, o tal “encantado”, que transita ao longo do tempo e pode ver que pouca coisa mudou, que a escravidão acabou no papel mas permanece na vida das pessoas, na maneira como são exploradas.

Em *Torto Arado*, a luta pela posse da terra acontece depois da morte do pai, Zeca Chapéu Grande. Como líder espiritual e político, ele mantivera durante muito tempo adormecida essa necessidade de mudança, vendo a luta por melhores condições de vida como uma ingratidão em relação aos latifundiários. Tinha medo de prejudicar todos. E na verdade a comunidade vai enfrentar problemas, quando decide que tem direitos e que aquela terra pode ser sua. Até então, ele garantira a coesão. Quando morre, a religião morre um pouco também, porque ninguém assume esse papel. Mas a política ocupa o seu lugar, e com ela vem o discurso da História, pela voz da personagem de Severo, que diz algo como: nós podemos mudar, nós conhecemos outros trabalhadores quilombolas de outras fazendas, nós descendemos dos escravos que não receberam nenhum estatuto social, nenhum amparo para poder produzir. A acção política substitui um pouco a religião.

A violência doméstica é um assunto muito presente no livro, e Itamar Vieira Junior confessa que era para ele inevitável falar da condição das mulheres, sendo, e não por acaso, as protagonistas mulheres. “Os agressores encontram amparo pela ausência de política de punição, e continuam a cometer abusos. É uma sociedade patriarcal, e nós vemos isso no Parlamento: o que aconteceu com a nossa primeira presidente eleita [Dilma Rousseff], a forma como ela foi destituída, houve muita misoginia naquela destituição. A mulher não deve ocupar certos espaços, certos lugares: essa violência é estrutural. O patriarcado ainda domina, e agora mais do que nunca com o porta-voz dos preconceitos a assumir a Presidência da República.”

"Torto Arado", romance vencedor do Prémio Leya, é publicado em fevereiro

"Torto Arado" conta a história de duas irmãs, filhas de descendentes de escravos para quem "a abolição nunca passou de uma data marcada no calendário". É o primeiro romance de Itamar Vieira Junior.

Rita Cipriano, 23 jan 2019



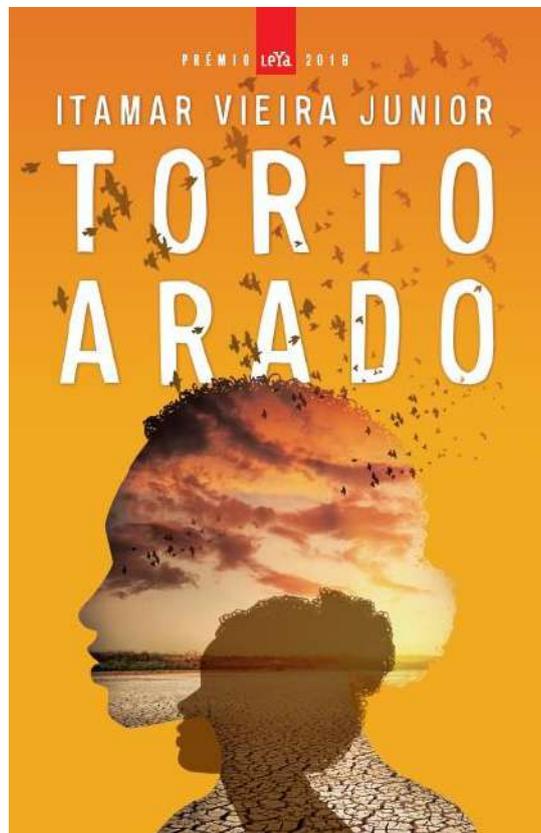
▲ Itamar Vieira Junior nasceu em Salvador da Bahia, em 1979. Tem-se dedicado sobretudo à escrita de contos

O romance galardoado com o Prémio Leya de 2018, *Torto Arado*, do brasileiro Itamar Vieira, vai chegar às livrarias portuguesa no próximo mês de fevereiro. O vencedor [foi conhecido](#) em outubro de 2018. Nessa data, os membros do júri elogiaram a “solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade rural patriarcal”.

Descrito como uma obra polifónica, bela e comovente pela editora Dom Quixote, que pertence ao grupo Leya, que atribui anualmente o galardão, *Torto Arado* conta a história de Bibiana e Belonísia, filhas de trabalhadores de uma fazenda no sertão da Bahia, “descendentes de escravos para quem a abolição nunca passou de uma data marcada no calendário”.

“Intrigadas com uma mala misteriosa sob a cama da avó, pagam o atrevimento de lhe pôr a mão com um acidente que mudará para sempre as suas vidas, tornando-se tão dependentes que uma será até a voz da outra. Porém, com o avançar dos anos, a proximidade vai desfazer-se com a perspetiva que cada uma tem sobre o que as rodeia: enquanto Belonísia parece satisfeita com o trabalho na fazenda e os encantos do pai, Zeca Chapéu Grande, entre velas, incensos e ladainhas, Bibiana

percebe desde cedo a injustiça da servidão que há três décadas é imposta à família e decide lutar pelo direito à terra e pela emancipação dos trabalhadores. Para isso, porém, é obrigada a partir, separando-se da irmã”, refere a sinopse disponibilizada ao Observador pela Dom Quixote.



O romance vai ser publicado em fevereiro pela editora Dom Quixote, que pertence ao grupo Leya

Itamar Vieira Junior é pouco conhecido do grande público. Nascido em Salvador da Bahia em 1979, é doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. É escritor, colunista da *São Paulo Review* e geógrafo. *Torto Arado* é o primeiro romance do escritor, que se tem dedicado sobretudo ao conto. Foi nessa categoria que foi finalista do Prémio Jabuti, o mais importante prémio literário brasileiro, no ano passado.

Em 2107, o galardão **foi atribuído** a João Pinto Coelho, pelo romance *Os loucos da rua Mazur*, publicado no ano passado. O escritor português já tinha sido finalista do mesmo galardão em 2014, com *Perguntem a Sarah Gross*.